

O MERCADO MUNICIPAL

Apesar de o Mercado ter várias baiúcas, lembro que eram ocupadas somente duas. Uma pelo senhor Lauro (Bucheiro) e o outro o seu Arnolfo (irmão do seu Mimito). Alenquer nestas alturas tinha uma população mínima e duas reses eram suficientes para o seu abastecimento. Os clientes ou fregueses de maiores condições mandavam suas cestas na tarde anterior com seus nomes etiquetados. Estas ficavam sobre os balcões e eram as primeiras a ser atendidas no dia. Depois que vinha a classe média (à qual pertencia e pertence até hoje) e a classe baixa. Parece que estou ouvindo o som de vozes com notas diferentes. Eu até achava engraçado o bonito sulfeto. Eu estava por lá, pois quem fazia o mercado de casa era eu. O nome de seu Lauro era o solfejado (1Kg, seu Lauro. Seu Lauro 2 Kg, coloque aqui nesta cesta seu Lauro, e assim sucessivamente).

Seu Lauro tinha uma brincadeira que irritava: fazia que colocava a carne na cesta de alguém e colocava a carne na cesta de outra pessoa. Gostava de colocar apelidos. Engraçado para os que eram motivados os risos, mas o apelidado se aborrecia. Mas o que fazer? Era o seu jeito. Mesmo assim deixou saudade, principalmente as suas garapeiras, uma na rua da frente e outra no largo de Santo Antônio onde todas as tardes e as noites tinham garapa. A cana era moída ou espremida pelo seu Joaquim Lobato (Pai de José Maria Deco).

Seu Arnolfo era mais sensato, foi o açougueiro de papai e atendia aos que estavam encostados no balcão. Os que eram servidos iam dando lugar aos outros e assim atendia a todos que ali estavam naquela simplicidade... Arnolfinho vives nas minhas recordações, papai ensinou-me a te querer bem...

Internamente, pelas suas laterais, o Mercado Municipal tinha vários aparadores (hoje boxes, ou baiúcas). Mas o que mais me recorda e que acentua em minha lembrança, é o café do Seu Alfredo (Peixe Frito), o mingau do seu Raimundo Gurjão. Era mingau mesmo, era de milho, de arroz com bolas de tapioca, de arroz com jerimum, no puro leite de gado, ou leite de nossa castanha-do-pará, etc. O café do seu Raimundo Leal, e o rala-rala do seu Binor, este com sabor de coco, peroba, cupuaçu, açaí, bacon, bacaba, ananás, graviola... Tudo natural. Ano passado quando saía do cemitério Santa Maria, por ocasião da iluminação, ouvi um ronco de ralo... E disse:

- Parece um rala-rala, meu filho.

- É rala-rala sim, mamãe!

- Ah, eu vou tomar...

Pedimos dois e tomamos. Confesso que no momento eu voltei e vivi a minha infância.

Bem, continuemos a nossa valiosa visita em nosso mercado. Eram mais ou menos 20 aparadores de um lado e do outro, com vendas miúdas, quero dizer, no retalho (exemplo: meio quilo de açúcar, 250 gramas de café em grão, meia barra de

sabão, ou um quarto de sabão, dois tostões de açúcar moreno, um tostão de manteiga). Era assim. Lembro que as tabernas compravam em arroba e alqueire. Não ouço mais isto...

Apesar de todos estes aparadores, eu tinha os que simpatizavam; naturalmente os que me davam mais atenção, que eram três e que vivem até hoje comigo na saudade.

1) O do Sr. Antônio Josino (Baçu), pai do Baçu. No seu aparador encontrávamos abano, cuia, balde de cuia, peneira, cesta para mercado, alguidar, panela de barro, torrador, etc... estas coisas lindas artesanais.

2) O aparador do Sr. José Yared (Xarain), pai da Sra. Sofia Yared, onde encontrávamos tudo que era preciso para uma cozinha como: arroz, farinha, banha de porco, tempero, etc.

3) E o aparador do Sr. Antônio Nunes (pai da Dione do Joãozinho Bezerra), também vendia o necessário para a cozinha de uma dona de casa, mas também vendia material escolar como o papel almaço, lápis e borracha. Naquela época não existiam quase cadernos prontos, nós mesmo fazíamos de papel almaço, mas já existiam cadernos de desenho, caderno de caligrafia, lápis de cor (caixinhas). Com seu Antônio parecíamos ter mais intimidade, dava-me confiança. Ele fazia eu juntar todo o papel que embrulhava os trecos (papel de embrulho), passava no ferro de brasa e ficava bem bonitinho. Então ele (seu Antônio) trocava com outro produto de sua venda. Seria talvez o restinho dos tempos de troca e venda. A troca não era só com papel de embrulho usado, era com ovo de galinha, garrafa vazia... Uma prova de minha classe. Orgulho-me por isso. Sinto saudade dos senhores (carinhosamente, Baçu, Xarain, Antônio). Vocês estiveram presentes na minha infância e estão gravados em minha memória.

Vamos continuar o nosso desfile na Rua da Frente. Depois do Mercado, tivemos a Casa Santo Antônio, de propriedade do Sr. Quincas Araújo (hoje do Sr. David Ferreira). Seguindo, a Casa Vallinoto do Sr. Antônio Valinotto, pai do Sr. Umberto Vallinoto, depois um pequeno comércio do Sr. Manoel Afonso, a Farmácia Popular do Sr. Raimundo Colares, Casa Miléo do Sr. Francisco Miléo, Casa Estrela de propriedade do Sr. Shalon Alves. No canto, subindo a travessa Tenente Simões, hoje Ascendino Monteiro Nunes, tivemos a Casa Paysano, que anteriormente era chamada de Canto da Fortuna. Esta ficava a comando do Sr. Cyro Salomão Antônio (que era um sócio) que era cunhado dos proprietários, e o gerente era o Sr. Waldomiro Yared.

Depois a loja passou para o seu prédio permanente, lá onde é hoje o Mercadinho São Silvestre, até a oficina, do Alberto, filho do José Raimundo e da Dona França (onde até hoje é a Casa Centenária).

A Casa Paysano foi onde eu trabalhei pela primeira vez em 1955. Meu primeiro chefe foi o Sr. Waldomiro Yared e meus colegas de trabalho eram o Sr. Arico Barile, que tomava conta do comércio onde se encontrava o grosso; Sr. Cazuza Magalhães, na estiva; Adnice Simões, secretária; Sr. José Valente (Palheta),

Contabilista; Sr. Michel Yared, escriturário, Benedita Araújo e Nazaré Moita, balconistas; Beatriz do Valle, caixa. Atuei também nos balancetes das duas casas, já que o Canto da Fortuna (Paysano) funcionou alguns anos como filial. Também secretariei na ocasião em que Adnice Simões saía de férias.

Sim, seguiremos o valioso passeio. Subindo a minha travessa, Tenente Simões (não sei por que trocaram o nome para Ascendino Monteiro Nunes), tivemos a Casa Amaral, de propriedade do Sr. Raul dos Santos Amaral. Seu Raul contraiu matrimônio com dona Maria Emília do Amaral (da cidade de Óbidos) e da união tiveram três meninas: Maria Tereza, Regina e Maria Helena. De muda para o Rio de Janeiro, vendeu o seu comércio para o Sr. Mesquita (pai do Roberto Mesquita). Hoje o prédio está todo modificado e pertence ao Sr. Belenil. Sim, era comércio e casa de morada. Também trabalhei com seu Raul Amaral, foi meu segundo patrão. Eu era balconista, caixa e até mesmo gerente quando ele se ausentava, isto de 57 a 59.

No canto onde hoje é o escritório da Água, funcionava um bar dançante do Sr. Chaves (Coletor) passando depois a ser do Sr. Etério Teixeira e assim houve vários donos; depois do bar, um comércio pequeno do Sr. Carlos Rebello onde ainda existem azulejos decorados na parede da frente. E por fim o Mercadinho, não o verde, este Mercadinho era do Seu Raul. Tinha ligação por dentro com a loja e quem tomava conta era o Renato, um japonês que casou com a Nenê Moura, e depois foram para São Paulo. Na verdade, Seu Raul tinha a loja e o armazém, que seguia a loja. Ainda existe a casa de dois andares em frente à casa do Ferreira, na Coaracy Nunes.

(...) – trecho que eu não consegui entender – (...)

Então a casa Paysano foi à falência. Seu Raul chamou o Cyro e lhe ofereceu o Mercadinho. Ele animou-se com a proposta e foi olhar o estabelecimento numa manhã de 1957; e quem foi mostrá-lo, orgulhosamente... Adivinhem..! Fui eu. Na mesma hora o Cyro aceitou e pela tarde o Mercadinho já tinha um novo dono, com o nome maior de Marcadinho Verde.

E assim nasceu a alegria das noites, numa manhã de 1957; seu proprietário: Cyro Salomão Antônio (Cyro da Zezé). Gerente: Maria José Batista Salomão (Zezé do Cyro). Caixa: Zélia Batista (irmã da Zezé). As primeiras garçonetes: Tereza Andrade, Mary Valente, Cecília Ferreira dos Reis, Donária de Sousa, Mary Paixão, Aurélia Sousa Santos, Consuelo Matos.

O Mercadinho Verde foi ampliado e a sua frente recebeu um tablado de mais ou menos 100 metros quadrados, gradeado de madeira, coberto com telha de barro da nossa saudosa Olaria Iacy.

O Mercadinho era o lugar responsável pelas encandeantes e belas noites alenquerenses. As garçonetes com vestidos verdes, aventais brancos e boinas com o nome do estabelecimento bordado. O Mercadinho Verde era também um ambiente noturno, onde a sociedade alenquerense se expunha na sua hora de lazer. Além do sorvete e do picolé, guaraná e outras bebidas, servia também

gostosos petiscos (salada de frutas, salada de verduras, galinha com farofa, creme de galinha, galinha assada – coisas que eram daquele tempo e que eram muito naturais. A galinha, por exemplo, era caipira e a verdura não era *de lataria*). Lembro que a Zezé (do Cyro) era quem preparava a maionese, era muito gostosa, levava gema de ovo caipira e o azeite era o Salada, que não existe mais.

Festa... Automaticamente, o Mercadinho Verde em si já era uma festa. Agora o brilho era por conta e disposição dos jovens que faziam o complemento ao som de uma coluna sonora; no piano de Waldir Calmon, nas alegres músicas de Roberto Mota, Rob do Elvis, o Twist de Carlos Gonzaga, etc. Mas não por isso deixavam de haver suas festas oficiais. Houve muitas festas do seu calendário (mensais). Especialmente São João na Roça, com tudo que tinha direito; da ornamentação às roupas dos participantes, tudo adequadamente... É muito bom reviver as maravilhas que tivemos a oportunidade de viver na juventude e que não desperdiçamos.

Fonte de pesquisa: Arquivo das minhas recordações.

Professora Beatriz do Valle